

DISCURSO E GAGUEIRA NA CONTEMPORANEIDADE

Elisabeth Cavalcanti COELHO³⁷

Maria do Carmo Gomes Pereira CAVALCANTI³⁸

Nadã Pereira da S. Gonçalves de AZEVEDO³⁹

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar as formações discursivas (FD) de sujeitos com gagueira em um site das redes sociais, trabalho que aponta outra perspectiva para os estudos da gagueira, a ótica linguístico-discursiva. A abordagem deste artigo será qualitativa. Utilizamos como quadro teórico-metodológico a análise do discurso (AD) de orientação francesa. O método utilizado será o discursivo e ancoramos as análises no interdiscurso para identificarmos as FD materializadas no discurso dos sujeitos. Adotamos construtos teóricos do interacionismo de Lemos no que se refere às posições de falante, considerando, ainda, a visão social de Bauman.

Palavras-chave: Gagueira. Discurso. Condições de Produção.

Abstract: *This article aims to analyze the discursive formations (DF) of subjects with stuttering in a social networking site, work that points out another perspective for the studies of stuttering, the linguistic-discursive optics. The approach of this article will be qualitative. We use as a theoretical-methodological framework the Discursive Analysis of the french orientation (DA). The method used will be the discursive and we anchor the analyses in the interdiscourse to identify the DF materialized in the speech of the subjects. We have adopted theoretical constructs of the interactionism of Lemos with the approach of the speaker positions, considering, still, the social vision of Bauman.*

Keywords: Stuttering. Discourse. Production conditions.

³⁷ Doutoranda do PPG em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco/Unicap, Recife, PE, Brasil. bethcoelho9@gmail.com

³⁸ Doutoranda do PPG em Ciências da Linguagem Universidade Católica de Pernambuco/Unicap, Recife, PE, Brasil. carminpc@yahoo.com.br

³⁹ Professora/Pesquisadora do PPG em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco/Unicap, Recife, PE, Brasil. nadiaazevedo@gmail.com

INTRODUÇÃO

A gagueira é um assunto que suscita polêmica entre diferentes profissionais, seja em relação à gênese ou à proposta terapêutica. Apesar de algumas propostas convergirem em alguns aspectos, a multicausalidade relacionada à sua origem permanece inalterada, ora prevalecendo uma proposta terapêutica no sintoma, ora centrada no sujeito.

Essas abordagens, fiéis à fundamentação teórica em que se ancoram, deixam escapar a linguagem e, conseqüentemente, o sujeito. No entanto, confluindo com os estudos de Azevedo (2000, 2006, 2015, 2018), entendemos que sujeito e linguagem se constituem simultaneamente. Essa reflexão inquietou as pesquisadoras que passaram a compreender a gagueira pela ótica linguístico-discursiva com possibilidade terapêutica nessa mesma perspectiva.

Acredita-se que não se pode estudar a gagueira separada do sujeito, já que o sujeito é constituído na/pela linguagem, inserido numa sociedade hierarquizada, perpassada por ideologias que interpelam os indivíduos em sujeitos. A ideologia naturaliza sentidos produzindo efeito de evidência do que é correto. Interessa estudar a gagueira tendo como horizonte teórico-metodológico a Análise de Discurso fundada por Pêcheux e desenvolvida no Brasil por Orlandi e outros estudiosos, porque entre todas as áreas que dialogam com a fonoaudiologia, a AD consegue fundamentar o fazer clínico, incluindo sujeito e linguagem. Desta forma, este artigo afasta-se de perspectivas que identificam a gagueira como algo que se manifesta no corpo, assumindo um posicionamento que circunscreve o discurso como lugar e origem de apresentação da gagueira.

Refletindo sobre a atualidade, inferimos que ao longo dos tempos, são muitas e cada vez mais significativas as transformações sofridas pelas sociedades e que refletem sobremaneira no mundo atual. Assim, são observadas novas configurações no que se referem aos mais diversos aspectos, tais como nos relacionamentos, economia, cultura, valores, consumo, educação, entre tantos outros. A rapidez com que tudo acontece faz emergir tais configurações, e como não se pode pensar em determinado aspecto como totalmente independente dos demais, o que seria possível refletir acerca da gagueira neste cenário?

Este trabalho visa, portanto, analisar as Formações Discursivas (FD) de sujeitos gogos a partir de seus discursos em uma rede social, trazendo uma reflexão sobre a gagueira na contemporaneidade. Para tal, operamos recortes discursivos e, como procedimento teórico-

metodológico, a AD de orientação francesa. Vale salientar que não temos a pretensão de esgotar o assunto com respostas definidas sobre as questões que serão levantadas.

Para tanto, serão utilizados recortes discursivos de sujeitos que abordam a gagueira em um site da internet. Como respaldo teórico, este trabalho utiliza constructos teóricos do Projeto Interacionista em Aquisição da Linguagem, defendido por Lemos por ser aí possível encontrar os subsídios necessários para compreender a instalação do processo que culmina numa fala gaguejante. Além disso, apresenta um breve panorama do mundo contemporâneo, a partir das ideias de Bauman, sociólogo de autoridade quando se trata da análise do mundo pós-moderno, bem como da análise de discurso de linha francesa.

Adotamos a AD pelo fato de ela perceber o discurso com a regularidade de uma prática, as práticas sociais (ORLANDI, 2013a), como efeito de sentidos entre locutores (FUCHS; PÊCHEUX, 2014). A AD compreende que as palavras não são apenas nossas. Assim, o que é dito em outro lugar também significa em ‘nossas’ palavras (ORLANDI, 2013b).

A AD construiu sua teoria no entremeio de três regiões do conhecimento: o Materialismo Histórico, a Linguística e a Psicanálise. O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e suas transformações, compreendendo a teoria das ideologias; a Linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; a teoria do discurso, como aquela da determinação histórica dos processos semânticos. Assim, são três regiões do conhecimento que, de certa forma, estão articuladas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica.

Considerando os pressupostos da AD que compreendem o sujeito assujeitado à língua, a uma formação discursivo-ideológica, percebe-se o sujeito descentrado, clivado pelo inconsciente e afetado pela ideologia ocupando diferentes posições, conforme as condições de produção.

A AD trabalha com a língua no mundo, com muitas maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos constitutiva da vida dos sujeitos. Além disso, ressalta língua-discurso-ideologia, acreditando que a ideologia se materializa no discurso (ORLANDI, 2013b) e que não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia (PÊCHEUX, (1990 [1975])). Como vive o sujeito na gagueira? O que é a gagueira?

Da aquisição da linguagem à gagueira

Pensar no que vem a ser a gagueira nos remete a refletir sobre a aquisição da linguagem, que é objeto de estudo de vários pesquisadores que olham para o fenômeno de diferentes lugares teóricos. Neste artigo, a proposta interacionista, da forma como concebida por Cláudia De Lemos, ganha relevância, na medida em que evidencia um sujeito constituído na/pela linguagem.

Sempre interessada em entender como ocorrem as mudanças na fala das crianças no momento em que começam a falar, essa autora percorre um vasto caminho distanciando-se do que era considerado regular na fala das crianças, e debruçando-se sobre dados heterogêneos que emergem em suas falas. Seus estudos são focados na fala infantil, porém levando em consideração a relação com a fala do adulto. Essa ideia a aproxima da Psicanálise, mais especificamente da obra de Jacques Lacan, cujos fundamentos somam-se aos postulados por Saussure e Jakobson, já assumidos pela autora ao lançar mão dos processos metafóricos e metonímicos na tentativa de compreender e explicar as transformações na fala inicial das crianças. (LEMOS, 2002).

Assim, a partir dos processos de substituição e combinação, propostos por Saussure, que são respectivamente os processos metafóricos e metonímicos, trabalhados por Jakobson, a teórica explicita como se dão as mudanças de posição do falante em relação à língua, juntamente com a ideia de polos de predominância que acontecem no período em que a criança se constitui como sujeito da linguagem, revelando o funcionamento da linguagem a partir de posições assumidas por ela. São eles: o polo do outro, o polo da língua e o polo do sujeito, respectivamente primeira, segunda e terceira posições de falante (LEMOS, 2002).

Na primeira posição de falante, quando ocorre a predominância do polo do outro, pode-se afirmar que a criança está circunscrita à fala do outro, não sendo, ainda, capaz de interpretar a língua. Apesar desta característica, o funcionamento da linguagem já ocorre, afastando-se da ideia de que a criança simplesmente repete a fala do adulto. Assim, na medida em que esse funcionamento existe, há aí um processo de subjetivação, que explica, por exemplo, por que a criança seleciona um determinado enunciado em detrimento de outros que circulam nos discursos presentes (LEMOS, 1999; 2002).

A segunda posição, cujo polo predominante é o polo da língua, revela a submissão da criança ao movimento da língua. A principal característica desta posição é o aparecimento do “erro”, que faz parte da aquisição da linguagem e marca a singularidade da fala da criança. Neste momento, a criança ainda não consegue perceber a diferença entre a sua fala e a fala do

outro, estando, inclusive, impermeável à correção que o interlocutor sugira (LEMOS, 1999; 2000).

A terceira posição de falante encontra-se relacionada ao polo do sujeito. A criança já consegue identificar as diferenças entre a sua fala e a fala do outro, pois ao mesmo tempo em que fala, interpreta a sua própria fala. Neste sentido, identifica seus “erros” e busca assemelhar sua fala à fala do adulto já constituído na/pela linguagem, passando de interpretada à intérprete de sua fala. (LEMOS, 1997; 1999). Essa identificação desencadeia um processo de reformulações e autocorreções, fazendo emergir pausas e hesitações em seu discurso.

Diante do exposto, podemos inferir que no percurso da aquisição da linguagem é comum que as crianças passem por um período em que a fala se apresenta com hesitações, prolongamentos e repetições de sílabas e palavras. Podemos afirmar, no entanto, que esta é uma fase natural, explicada pelo fato de a criança encontrar-se numa posição de falante que evidencia sua busca em assemelhar sua fala a fala do adulto já constituído como sujeito da linguagem. Porém, é importante salientar que muitas crianças passarão por esta fase, mas não da forma tão natural como poderia ser possível. O que ocorre, afinal, para que um acontecimento tão natural seja transformado em algo que gere preocupações e conflitos, podendo se configurar como um quadro de gagueira?

A Gagueira

A partir da terceira posição de falante, vista acima, é possível compreender o processo de instalação da gagueira. É neste momento, cuja posição é marcada pelo fato de a criança ser intérprete de sua fala, que ocorrem os conflitos, pois ela quer deslocar-se para o uso de uma fala que se aproxime da fala dos adultos. Para isso, hesita, prolonga, repete, se autocorrige. No entanto, apesar de este episódio ser reconhecido pelos profissionais que lidam com aquisição de linguagem como natural, nem sempre ele é assim interpretado pelo outro que, por desconhecimento, pode entender essa fala como gaguejante.

Em função disto, são tomadas atitudes desfavoráveis, sempre na tentativa de auxiliar a criança, não para prejudicá-la. Dentre essas atitudes estão solicitações de que respire, fale devagar, pense antes de falar, entre outras. Obviamente, essas solicitações vão gerar algum efeito sobre a fala da criança, podendo levá-la ao silenciamento e/ou à fala com tensão. Essa tensão pode ser aliviada por movimentos de “... bater os pés, as mãos, movimentar a cabeça,

contrair ou tensionar os órgãos fonoarticulatórios, ou mesmo substituir palavras por outras tidas como mais fáceis” (AZEVEDO & FREIRE, 2001, p.151-152).

Como pode ser visto, o momento em que ocorrem as reformulações, ou seja, o instante em que a criança apresenta quebras no seu ritmo de fala, nada mais é do que um momento do processo de aquisição que deve ser enfrentado com naturalidade, porque é estrutural. Neste sentido, pode ser superado desde que haja uma forma adequada de lidar com ela. No entanto, da mesma forma, pode ser transformado em distúrbio: a gagueira.

A gagueira é um distúrbio de linguagem que pode acontecer tanto em crianças quanto em jovens e adultos. Friedman (2001) expõe duas formas: gagueira natural e gagueira sofrimento. A gagueira natural é possível em qualquer falante, ao se levar em consideração que não existe fluência absoluta e que contextos que geram ansiedade, insegurança, competitividade ao falar fazem parte da vida de todos. Na gagueira sofrimento há um sujeito que sofre e que tem queixas sobre sua fala.

Caracteriza-se por alterações na fluência da fala, com prolongamentos e repetições de sílabas, palavras e/ou fonemas, além de hesitações e bloqueios, muitas vezes acompanhados de um forte sofrimento interno, que chega a silenciar o sujeito diante do discurso.

De acordo com pesquisa atual do IBGE, a população do Brasil é de 207,6 milhões de pessoas (IBF, 2018; AZEVEDO, no prelo).

A incidência da gagueira é de 5% (IBF, 2018), ou seja, cerca de 11 milhões de brasileiros estão passando por um período de gagueira neste momento. Tal número supera a população das cidades do Rio de Janeiro e Brasília juntas (AZEVEDO, no prelo).

A prevalência da gagueira é de 1% na população (IBF, 2018). Assim, cerca de 2 milhões e 100 mil brasileiros gaguejam de forma crônica. Este número é maior do que a população de Curitiba, Recife ou Porto Alegre.

Apesar de haver muitos autores estudando a gagueira, neste trabalho mantemos distância dos vieses voltados para a compreensão da gagueira como doença, ressaltando e concordando com a visão proposta por Azevedo (2006; 2018), para quem a gagueira é “[...] um distúrbio de linguagem, diretamente relacionado às condições de produção do discurso, caracterizado pela previsão e certeza *a priori* do erro” (AZEVEDO, 2006, p.171). Assim, antes mesmo de iniciarem a fala os sujeitos já estão certos de que irão gaguejar, mantendo-se presos à forma, aos fonemas e a determinadas palavras. Para Azevedo e Lucena (2009, p.169), tal conduta os faz “[...] manter um discurso circular, que diz da impossibilidade de falar”,

revelando uma relação com a exterioridade, onde se destacam as condições de produção e o espaço do discurso.

De acordo com Orlandi (2012, p.39), as condições de produção compreendem a relação de forças, a relação de sentidos e a antecipação. A relação de forças traz a noção de uma sociedade constituída por relações hierarquizadas, o que leva ao fato de o lugar de onde se fala determinar o que se diz. Neste sentido, a autora afirma que a fala de um professor significa mais que a fala de um aluno. A relação de sentidos estabelece que um discurso sempre se relaciona com outros discursos, já ditos ou futuros: “Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis” (ORLANDI, 2012, p.39). A antecipação pode ocorrer com interlocutores próximos ou distantes, no sentido da cumplicidade. No mecanismo da antecipação,

todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, deslocar-se no lugar em que seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. (ORLANDI, 2012, p.39)

O sofrimento vivido pelos sujeitos com gagueira é significativo. Segundo Friedman (1986), os sujeitos com gagueira vivem um paradoxo na medida em que desejam falar, mas não o fazem por não aceitarem sua forma de fala, e na tentativa de falar sempre convivem com a crença de que não conseguirão. Além disso, preveem a gagueira o tempo inteiro. Para a autora, a lógica da gagueira consiste na imagem cristalizada de si como mal falante.

Diante desse fato, como pensar esse sujeito num mundo competitivo como o que se vive atualmente?

Bauman e a visão do mundo contemporâneo

Bauman (2001), importante sociólogo do século XX-XXI, aborda a questão do consumo como uma vida cujo aprendizado precisa ser rápido, assim como o esquecimento, que se torna tão importante quanto.

No mundo da moda, por exemplo, discursos calculados pontualmente para atingir as expectativas e ansiedades da sociedade de consumidores são utilizados para a apresentação de novos produtos. Produtos devem substituir outros, que serão descartados, jogados no lixo, o que marca a importância do esquecimento. Ocorre um forte incremento de demandas

ocupando o lugar do que antes seria direcionado à satisfação de necessidades do consumidor. No entanto, nesse modelo de consumo, ao se sentir satisfeito, o consumidor cessa de consumir, sendo, portanto, considerado consumidor falho, na medida em que, ao parar de comprar, ameaça a economia de consumo.

Neste sentido, o autor reconhece que o crescimento do lixo tanto pode ser entendido como efeito colateral do crescimento das indústrias, quanto pela necessidade de redução da vida útil dos produtos, favorecendo o aquecimento da economia. A economia de consumo depende da rotatividade de mercadorias e seu apogeu acontece quando se dá o movimento, ou seja, quando o dinheiro muda constantemente de mãos.

Outro aspecto importante para evidenciar o mundo contemporâneo é o que se refere à busca pela felicidade, mantida na mente das pessoas a maior parte do tempo.

Bauman (2009) diz, a partir de dados empíricos disponíveis sobre o assunto, que a riqueza, considerada o trampolim para a felicidade, na verdade, não chega a se configurar como garantia de uma vida feliz. Assim, a correlação entre crescimento econômico e aumento da felicidade é uma crença de líderes políticos respeitáveis, e a sociedade tende a acreditar e até a torcer para que isto se dê, de fato. Essa é uma ideia que se resume em: o aumento de renda disponibiliza o aumento de posses, bens e riquezas, gerando uma melhor qualidade de vida e, conseqüentemente, tornando as pessoas mais felizes.

Dessa forma, em um mundo consumista e competitivo, onde tudo flui com demasiada rapidez, o da contemporaneidade, de Bauman, podemos inferir que também o sujeito-gago (com hífen, assim constituído desde a infância) ainda sofre mais nessa dinâmica em que a tentativa de perfeição e velocidade é imposta pela sociedade. Isso implica em um batimento entre o desejo de falar e a certeza de que não consegue, antes mesmo de iniciar a fala.

Construindo o artigo

A orientação metodológica do presente artigo traduz-se pelo viés de uma pesquisa qualitativa, portanto sem preocupação com a representatividade numérica (ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZAJDER, 2000), destacando aspectos que gerem maior consciência crítica e reflexiva em torno da gagueira na sociedade contemporânea.

Para tanto, constituímos um corpus com sujeitos participantes do Grupo Discutindo Gagueira, da rede social Facebook, que autorizaram suas participações, mantendo-se o sigilo dos mesmos. O grupo se situa no endereço

<https://www.facebook.com/groups/331202263629206/?fref=ts> e, nele, seus integrantes postam dúvidas, divulgam trabalhos e comentam sobre questões pessoais relacionadas à gagueira. Assim, a partir de uma postagem, aquele que tiver interesse no tópico abordado se manifesta. Como se trata de um grupo fechado, foi realizado contato com a administradora do grupo, que solicitou que cada sujeito fosse contatado individualmente, o que foi feito *inbox*. Todos autorizaram a utilização dos recortes.

Os discursos aqui utilizados correspondem a oito sujeitos do sexo masculino. Cada sujeito (S) foi numerado, a saber: S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7 e S8. Considerando serem esses sujeitos integrantes do grupo indicado acima, optou-se por não investigar outros dados sobre cada um, tais como idade, grau de instrução, dentre outros, uma vez que não estavam em seus perfis individuais. Como a escrita nas redes sociais, muitas vezes, se apresenta sem sinais gráficos de pontuação e acentuação, optou-se por acrescentá-los a fim de facilitar a leitura, bem como as palavras abreviadas foram escritas na forma padrão. No mais, foi mantido o discurso escrito original.

Discussão dos dados obtidos

Para a discussão dos recortes discursivos dos sujeitos com gagueira aqui apresentados, é importante acrescentar algumas considerações. A análise parte do agrupamento de discursos que convergem em um determinado aspecto que se encontra destacado na discussão. Após colagem dos recortes, foi feita leitura para identificação dos pontos comuns que seriam destacados, o que resultou nos seguintes tópicos: i) Traçando metas em função da gagueira; ii) Mercado de trabalho e competitividade; iii) Fluência absoluta; iv) Posições hierárquicas. Segue a apresentação dos tópicos e sua discussão.

i) Traçando metas em função da gagueira

Nos recortes abaixo, podemos inferir que os percursos escolhidos pelos sujeitos refletem, de alguma forma, a presença da fala gaguejante e a interferência que essa gera na atividade profissional.

S1-Estou estudando muito para me graduar em Medicina, mas me sinto inseguro em relação à minha formação, porque em toda minha vida escolar raramente apresentava seminário, e quando apresentava me saía horrível. Em virtude disso, penso em fazer engenharia civil, porque tem menos seminário, esses tipos de coisas. O que vocês têm a falar disso? Obrigado pela atenção. (Postado em 30 de junho de 2015).

A memória discursiva, que é o saber discursivo, e se constitui pelo já-dito que possibilita todo dizer, é acionada na fala do sujeito. A escola resgata em sua memória discursiva o insucesso na apresentação de trabalhos. A memória suposta pelo discurso é sempre reconstruída na enunciação (ACHARD, 1999, p. 17).

Dessa forma, a escola funciona como lugar de memória, em que os sentidos da incapacidade do sujeito para falar se encontram cristalizados. Lugares de memória, noção explicada por Pierre Nora (1984), se apresentam sob a forma de objetos, instrumentos, instituições, documentos, vale dizer, traços vivos constituídos no entrelaçamento do histórico, cultural e simbólico (INDURSKY, 2011 p. 73).

Pelo esquecimento⁴, S1 aciona a família parafrástica, de dizer o mesmo na gagueira,

4. Pêcheux (1990 [1975]) considera que há dois esquecimentos primordiais ao sujeito. No esquecimento 1, o sujeito se esquece de que não é a origem do dizer, que sua fala vem de outros discursos. O esquecimento 2 o leva a acreditar que tudo o que diz tem um sentido único. Esta é uma importante concepção da AD.

quando ao dizer *me sinto inseguro*, faz ecoar sentidos de me sinto incapaz, me sinto não preparado, não tenho condições de apresentar trabalho. Esse sujeito parece preso a um interdiscurso de incapacidade, o que emerge em sua formulação, ao dizer que prefere um curso que tenha menos seminários e correlaciona a graduação em certos cursos à maior exposição de sua incapacidade de falar em público.

Além disso, está inscrito em uma posição e formação discursiva de gago, em que qualquer disfluência compromete todo o seu discurso. Esta incapacidade que julga ter e que acredita que o outro perceberá está em suas formações imaginárias. A imagem de insucesso na escola atua como operador de memória social, na medida em que, ao ser compartilhado socialmente, ganha força de lembrança.

O curso de formação de S1 já está acontecendo e, apesar disso, ele pensa em trocar de profissão para evitar as situações que lhe são desagradáveis. E não é uma mudança aproximada, pois ele trocará o curso de Medicina pelo de Engenharia, abandonando a área de saúde para se firmar na área de exatas, o que mostra uma mudança radical, mas que parece compensar na medida em que *tem menos seminários*.

S2 –Eu fiz enfermagem do trabalho e larguei por conta disso... na área de segurança do trabalho você vai ter que falar MUITO. Se for construção civil então piorou. Tanto segurança quanto enfermagem do trabalho atuam basicamente dando instrução, mas também pode conseguir algo mais burocrático, mas sempre haverá a necessidade de falar pra muitos funcionários ao mesmo tempo. Fui trabalhar em uma empresa de construção civil e além de atender quem se machucava nas obras tinha que fazer campanha regular contra vários tipos de doenças. Basicamente toda semana era obrigado a dar pelo menos duas palestras pra uns 150 funcionários, por isso abandonei. Na área de segurança do trabalho vai fazer a mesma coisa sendo que voltado mais para os equipamentos de segurança e tal... pode ser que dê sorte e faça só a parte administrativa, mas só se tiver sorte mesmo. (Postado em 10 de abril de 2018).

O discurso de S2 parece revelar que se trata de um sujeito que reconhece seu potencial, mas busca alternativas para evitar o constrangimento da exposição, tentando uma ocupação em que a necessidade de falar para várias pessoas ao mesmo tempo seja mais reduzida.

A exposição para o sujeito com gagueira é algo aterrorizante. Como afirmam Azevedo e Lucena (2009, p. 168), “[...] há um sujeito que fala, um sujeito constituído na/pela linguagem, inserido numa sociedade pautada por valores ideológicos, que interpelam os indivíduos enquanto sujeitos dos seu dizer”. Geralmente, há muita cobrança em relação à fluência, no entanto, sabe-se que as pausas, hesitações e até mesmo repetições estão inseridas nos discursos, sem que isso passe pelo viés de um distúrbio, como bem afirmam Friedman (2015) e Azevedo (2015).

Na posição de enfermeiro, S2 tinha que falar muito, o que o fez abandonar a profissão. Preso a um discurso de impossibilidade ou dificuldade do dizer, abandona empregos nos quais tem que se expor oralmente. O sujeito está inscrito em uma formação discursiva de fluência perfeita, onde qualquer titubeio na fala representa para ele insucesso em falar em público. Quando S2 diz que se der sorte terá sob sua responsabilidade a parte administrativa, faz ecoar um sentido de que a área de segurança do trabalho, por ser mais administrativa, exige menos a fala. Assim, depara-se com menos possibilidade de gaguejar.

As ideias de Scarpa (1995), Azevedo (2000, 2006, 2015) e Friedman (2015), remetem ao fato de não existir fluência linear e que a disfluência é constitutiva da fluência. O sujeito em cena criou uma imagem estigmatizada de falante, por prever a gagueira antes mesmo que ela aconteça. Sabemos com Azevedo (2000, 2006, 2015, 2018), que o que move a gagueira é a previsão do erro iminente e a luta por não gaguejar. O sujeito-gago é constituído nessa posição por relações discursivas constituídas na infância como atestam Azevedo (2000, 2006,

2018), Cavalcanti (2016) e Silva (2016). Em sua memória discursiva, S2 retoma o discurso da impossibilidade do dizer e não se acha capaz de ocupar profissões que demandem a fala. Em suas formações imaginárias, acredita-se incapaz de falar bem em público, assim como percebe o outro como censor de sua fala, alguém que irá rir ou criticar de sua fala.

Os discursos de S1 e S2 revelam o quanto há de imbricação da gagueira no momento em que buscam refletir e agir em torno das metas de suas vidas.

ii) Mercado de trabalho e competitividade

A gagueira aparece nos discursos de S3, S4, S5 e S6 numa relação com o mercado de trabalho, como se pode observar a seguir.

S3 - Tenho que apresentar dois seminários daqui 1 mês, sou gago, mas vou enfrentar, o mercado de trabalho não tem pena se você é gago ou não. METE A CARA E VAI! (Postado em 1 de julho de 2015).

S5 - Acredito que a gagueira, comprovada por profissionais da área, deve ser considerada deficiência, pois os gogos têm muita desvantagem no mercado de trabalho por causa disso. Não dá para colocar no mesmo nível intelectual ou mesmo de inteligência, mas digo em relação a atender o telefone, falar a um público ou lidar com as pessoas de um modo geral. Nós os gogos sempre teremos privações, e essas privações nos tornam deficientes em alguma área. (Postado em 22 de maio de 2015).

Ao refletirmos sobre esses recortes, percebemos que S3 parece preso num discurso circular de impossibilidade. Predomina no fio de seu discurso um interdiscurso de preconceito, onde o sujeito-gago merece pena por ser gago. Pode-se inferir que S3 esteja inscrito em uma formação discursiva de fluência linear, “perfeita”, e que em sua memória discursiva se vê como vítima de sua própria fala e com desvantagens no mercado de trabalho por ser gago. Estamos considerando a memória discursiva como define Indursky (2011, p.87-88), circunscrita ao que pode ser dito em uma FD, e, por isso, é lacunar. O regime de repetibilidade do que é ser gago instaura uma regularidade, onde é difícil inserir-se com sucesso no mercado de trabalho. Em sua formulação o sujeito quer enfrentar a gagueira no mercado de trabalho ecoando como uma luta que não tem como escapar. Interpelado pela ideologia do bem falar, o sujeito é preso na forma sujeito da grande dificuldade em inserir-se no mercado de trabalho em decorrência da gagueira. A condição inalienável para a subjetividade é a língua, a história e o mecanismo ideológico pelo qual o sujeito se constitui (ORLANDI, 1999, p.61). Acreditamos que o sujeito passa a não se ver como bom falante pela junção da língua, da história (fatos clamam sentido) e da interpelação ideológica. O sujeito é interpelado desde sempre como sujeito-gago-incapacitado.

No que se refere a S5, percebemos que ele retoma em seu intradiscurso uma memória discursiva organicista em relação à gagueira, pois a percebe como deficiência. Esse sujeito inscreve-se numa posição sujeito-gago como algo fixo, em que não há mudança. Em suas formações imaginárias, S5 percebe-se como incapaz e que o outro irá censurá-lo por ser gago. Além disso, acredita ser incapaz de falar em público, atender ao telefone, lidar com outro, pois ele prende o outro em uma posição de quem o julga como gago, o que pode não ser verdade, porque antes de falar já tem certeza que irá gaguejar.

A gagueira é um distúrbio de linguagem, diretamente relacionado às condições de produção do discurso, como defende Azevedo (2000, 2006, 2015, 2018). Quando o sujeito fala em deficiência, e nas privações causadas pela gagueira, produz um efeito de algo marcado que submete o sujeito a um para-sempre-lá, reforçando a impossibilidade do dizer, conforme Azevedo (2018). Percebe a gagueira como algo memorável, tomando memorável na perspectiva de Indursky (2011 p.87), ou seja, como da ordem de “todos sabem, todos lembram”. A capacidade do sujeito-gago não é equiparada ao do sujeito não gago no discurso de S5, uma vez que este considera a gagueira uma deficiência. É como se essa capacidade estivesse fora da memória, mas sem estar esquecida; é como se essa capacidade não tivesse sido trabalhada, metaforizada. Apoiando-nos em Orlandi (1999) diríamos que essa capacidade foi pelo sujeito in-significada, de-significada.

Enquanto S3 constata que sua condição de gago não agrega nenhum tipo de regalia oferecida pela sociedade, S5, indo na mesma direção, acredita que a gagueira deveria ser considerada como uma deficiência, a fim de igualar seus direitos aos direitos de um falante sem gagueira.

É possível que a postura desses dois sujeitos se justifique pelo reconhecimento do quanto, na condição de gago, ficam à margem da sociedade. Considerando, como Bauman (2001), a época atual como uma época marcada pela flexibilização, quando se torna necessário manter-se aberto a novas possibilidades, é possível visualizar o sofrimento acrescido do peso da gagueira. Para o autor, hoje não há mais uma relação duradoura do trabalhador com a organização de trabalho, este fato já foi superado. Assim, há um medo constante de que o emprego não se mantenha, independente da formação, porque é comum a substituição das funções exercidas pelos trabalhadores.

A competitividade no mercado de trabalho é algo que não se pode fugir e nos discursos de S4 e S6 tal fato é reconhecido, como a seguir.

S4 - Estava ansioso esses dias, estava gaguejando muito. E assim, tem que ser tranquilo, mas como ser num mundo competitivo desses, né? (Postado em 21 de junho de 2015).

S6. Boa noite a todos. Hoje faz 1 ano e nove meses que eu estou desempregado, não sei se alguém daqui já tenha ficado mais do que isso. Hoje eu fiz uma entrevista, a moça do RH era uma senhora com 30 e poucos anos de experiência no mercado, conforme a gente foi conversando, ela foi percebendo que eu era gago, então ela me perguntou se eu fazia tratamento ou tomava algum tipo de remédio, em diversas entrevistas já me perguntaram isso, fico pensando como o Brasil é um país sei lá, como eu digo capitalista, não defino porque o nosso país é um país subdesenvolvido, então ela não cansou de me dar sermão pra mim ter calma nas entrevistas, porque o mercado está muito concorrido, precisava ver mais a respeito disso, começou a me perguntar se eu atendia telefone nas empresas e etc. Sou bacharelado em TI, tenho 12 anos de educação superior no país, devido a esse tempo de rejeição sofri meio que uma depressão... (Postado em 15 de abril de 2015).

Nos discursos de S4 e S6 circula um sentido de não capacidade para o mercado de trabalho.

O discurso de S4 remete a associação de um estado de calma à condição de fluência. No entanto, de acordo com Azevedo (2018) e Friedman (2015), estar calmo não implica em não ter gagueira. Existe no discurso médico uma ideia generalizada de: estar calmo, não ter gagueira; estar nervoso, estar na condição de fazer emergir a gagueira (AZEVEDO, 2018). Porém, a gagueira não está no próprio sujeito, como algo marcado no corpo, não está no interlocutor, nem no telefone ou qualquer outro objeto, está sim no espaço discursivo diretamente relacionado às condições de produção do discurso (AZEVEDO, 2000, 2006, 2015, 2018). No recorte de S6, nas formações imaginárias da sociedade, quem gagueja não tem capacidade de atender telefone, e se estiver calmo a gagueira não ocorrerá.

No discurso de S6 percebemos, em sua formulação, um interdiscurso de causalidade orgânica, de preconceito, de exclusão. A regularização se apoia no reconhecimento do que é repetido e constitui um jogo de força (ACHARD, 1999). O discurso da doença, incapacidade de tanto ser repetido ganhou uma regularidade no discurso do sujeito.

Para Bauman (2001), no mundo contemporâneo, a relação do sujeito com o trabalho desloca-se de um estado sólido para um estado líquido. A metáfora dos líquidos é utilizada pelo autor no sentido de evidenciar o quanto tudo se move facilmente, tudo flui, esvai-se, escorrega. Assim, não há mais espaço para aqueles casos em que o sujeito começava a trabalhar jovem numa determinada empresa e, muitas vezes, lá permanecia até sua aposentadoria. No mundo atual, segundo o autor, tudo é fluido, o tempo é escasso e instantâneo, o que gera grandes incertezas e inseguranças quanto ao futuro.

No discurso de S4 emerge a ansiedade que experimenta e estabelece uma relação com o aumento da sua fala gaguejante. Diz precisar ser tranquilo, mas como conseguir isto num mundo tal como define Bauman? A competitividade, juntamente com sua particularidade, o desloca do lugar da segurança. O mesmo ocorre com S6, que, apesar da formação em Tecnologia da Informação, está desempregado há bastante tempo. Ele diz que sua gagueira atrapalha na medida em que sempre perguntam se está em tratamento ou se toma algum remédio.

Esta conduta nos remete à forma como a gagueira é vista: uma doença incapacitante, que marginaliza o sujeito na sociedade, como afirmam Azevedo e Lucena (2009, p.184): “A partir daí, estabelece-se com ele uma relação de poder: os que são “normais” (fluentes) e os que são “anormais” (gagos). Segundo esta ideologia, há um lugar discriminado para o gago, já que ele é este sujeito “anormal”, patológico.”

iii) **Fluência absoluta**

S7 – Eu me cobro muito pra a fala sair “perfeita”. Esse é um dos meus maiores erros. (Postado em 21 de março de 2015).

De acordo com Scarpa (1995), a fluência absoluta é uma abstração. Enquanto a disfluência é da ordem do problemático, do não produtivo, a fluência é o ideal, o produtivo. Segundo Friedman (2015) e Azevedo (2000, 2006, 2014, 2015), a fluência é disfluente, não existe fala linear. S7 apresenta em seu intradiscurso um interdiscurso de fala perfeita. Esse sujeito se inscreve em uma formação discursiva de fluência linear.

De acordo com Orlandi (2013b), a língua é opaca, incompleta, sujeita a falhas, furos, deslizes. O sujeito se constitui na posição de sujeito-gago na infância, em suas relações discursivas (CAVALCANTI 2016); SILVA (2016); AZEVEDO (2000, 2006, 2015, 2018). S7 se cobra fala perfeita por conta do outro (interlocutor) que o prende ao significante gago e que em suas formações imaginárias censura sua fala. Porém, na fala de qualquer sujeito sempre existe tanto a fluência quanto a disfluência, ou seja, o discurso naturalmente contém hesitações, repetições e pausas. No entanto, para um sujeito que não vive o estigma da gagueira, essas são ocorrências sem relevância, mas para os sujeitos com gagueira, existe uma tendência a achar que todas as pessoas são fluentes e apenas eles não conseguem tal condição. Parece que S7 fala do lugar da cobrança de uma fala perfeita, o que termina minando a naturalidade do discurso.

A metáfora da liquidez de que trata Bauman (2001), na qual tudo se esvai, escorrega, parece que contribui para a necessidade premente de agarrar as oportunidades, e se a fala não sai “perfeita”, acontece a insegurança e o sentimento de inutilidade. Para o autor, a insegurança é uma consequência da característica de fluidez no mundo contemporâneo e, na realidade, todos estão nela imersos. É possível que o sujeito com gagueira tenha aí um elemento que se soma a essa configuração do mundo atual, pois, como defendem Azevedo e Lucena (2009), já está agregada ao seio da sociedade e da cultura a discriminação da gagueira. Isso é um fato, afirmam, na medida em que há exposição de sujeitos com gagueira em novelas e filmes, com sentido de engraçado, descoordenado, inseguro.

iv) Posições hierárquicas

S8 - Boa tarde! Estou numa fase que estou a gaguejar mais, sem qualquer motivo, manteve-se tudo linear, mas a gaguez aumentou. Por quê? Não sei se com vocês também acontece, mas quando falo com pessoas que ocupam melhores cargos (engenheiros, professores, pessoas formadas) seja na faculdade ou no trabalho ainda gaguejo mais, e o discurso acaba por ser fraco! Já não acredito que algum dia serei fluente! (Postado em 9 de abril de 2015).

Para este sujeito, fica bastante evidente o que Orlandi (2012) aborda acerca das condições de produção, na medida em que se estabelecem aí as relações de força: quem fala/para quem fala. Na gagueira, é muito comum discursos dessa natureza quando os sujeitos se encontram diante de pessoas que agregam algum tipo de autoridade, como chefe, pai, professor, doutor e outros. No caso de S8, diante deste patamar em que o que sobressai é uma relação de poder, ele gagueja mais, ele tem um “discurso fraco” e, com isso, perde a esperança de se tornar fluente. Mais uma vez, destacamos a ideia de fluência como uma fala perfeita, o que não existe. A disfluência faz parte da fluência. Vale ainda ressaltar o fato de emergir daí a ideia de que um discurso fraco seja um discurso com rupturas.

Considerações finais

Como explicitado anteriormente, este trabalho não buscou apontar respostas objetivas e fechadas, e, sim, facilitar a reflexão das condições a que os sujeitos com gagueira estão submetidos num momento em que o mundo se apresenta com tantas transformações, um mundo de fluidez, em que tudo é muito instantâneo e imediato.

Acreditamos que ao longo dos tempos o sujeito com gagueira sempre foi marginalizado, haja vista que na Idade Média eles eram colocados em praças públicas e, ao falarem, ganhavam moedas do público. Ainda hoje, há uma grande parcela da população que acha graça da sua fala e a mídia, infelizmente, ainda explora personagens com essa característica num estereótipo que está muito distante de ser o de alguém bem sucedido. Constatando essa realidade, não é difícil compreender o sofrimento que, independente de qualquer outra condição que se sobreponha ao quadro de gagueira, o sujeito-gago vivencia no seu dia a dia.

Neste estudo, no entanto, foi possível identificar, além do sofrimento habitual, relação com as configurações do mundo contemporâneo, tamanha a fluidez que o caracteriza. O sujeito, aí inserido, precisa falar rápido também! A velocidade da fala parece ser uma demanda da velocidade do mundo de hoje, distanciando-se de um possível entendimento da gagueira como, apenas, uma particularidade do sujeito.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A.J.; GEWANDSZAJDER, F.. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2.ed. São Paulo: Editora Guazzelli. 2000. 203p.
ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

AZEVEDO, N.P.S.G. **Uma análise discursiva da gagueira: trajetórias de silenciamento e alienação na língua**. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC, SP. 119f, 2000.

_____. **A gagueira na perspectiva linguístico-discursiva: um olhar sobre a terapia**. Programa de Pós-graduação UFPB – Doutorado em Letras e Linguística. Tese. 2006.

_____. Um estudo da gagueira sob a perspectiva discursiva. **Revista Prolíngua**, v.10, n. 1, jan.- fev., 2015. Disponível em www.periodicos.ufpb.br/index.php/prolíngua/article/newfile/27599/14838. Acesso em mar. 2018.

_____. Uma análise discursiva de sujeitos com afasia e gagueira. **Revista Linguagem e Ensino**, UCPel, v.21, p 433-463, 2018.

_____. Disfluências. In: FERREIRA, T. **Manual Prático dos Distúrbios da Comunicação Oral em Adultos e Idosos**. SP: Editora Booktoy, no prelo.

AZEVEDO, N.P.S.; FREIRE, R.M.. Trajetórias de silenciamento e aprisionamento na língua: o sujeito, a gagueira e o outro. In: FRIEDMAN, S.; CUNHA, C.M. (Org.) **Gagueira e subjetividade**. Possibilidades de tratamento. Porto Alegre, RS: Artmed. 2001. p.145-160.

AZEVEDO, N.P.S.G.; LUCENA, J.A. Perspectiva linguístico-discursiva na terapêutica da gagueira. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. 51(2) – Jul./Dez. 2009.

AZEVEDO N.P.S.G; LUCENA, J.A.; CAIADO, R. O percurso terapêutico de uma criança com gagueira sob o enfoque linguístico discursivo. In: BARROS, I.R. et al. **Aquisição, desvios e práticas de linguagem**. 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2014.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CAVALCANTI, M.G.P. **O trabalho linguístico-discursivo de um grupo de atendimento à gagueira infantil (GEAGI) com pais de crianças identificadas como gags**. Dissertação de mestrado. (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco. 2016, 126f.

LEMO, C.T.G. Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna. In: **Simpósio the Trento lectures and workshop on metaphor and analogo**, 1997, Trento, Itália. São Paulo, 1997, p.1-16.

_____. Em busca de uma alternativa à noção de desenvolvimento na interpretação do processo de aquisição de linguagem. In: **Pesquisa Científica**, 1999, São Paulo. Relatório Científico apresentado ao CNPq. São Paulo, 1999, p.1-27.

_____. O erro como desafio empírico a abordagens cognitivistas do uso da linguagem: o caso da aquisição de linguagem. In: **Congresso internacional de pragmática**, 7, Budapeste. Hungria, [s.d.], São Paulo. p.1-19, 2000.

_____. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 42, p.41-69, 2002.

IBF - Instituto Brasileiro de Fluência Epidemiologia da Gagueira. Disponível em http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=31. Acessado em 10/03/2018.

IBGE. Valor Econômico. População brasileira sobe para 207, 6 milhões de pessoas, aponta IBGE 2017. Disponível em <http://www.valor.com.br/brasil/5100400/populacao-brasileira-sobe-para-2076-milhoes-de-pessoas-aponta-ibge>. Acesso em 18/03/2018. OK

FRIEDMAN, S. O caso de Amadeu. In FRIEDMAN & CUNHA. **Gagueira e Subjetividade: possibilidades de tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

_____. **Gagueira: origem e tratamento**. 4.ed. SP: Plexus Editora. 2004.

_____. A gagueira e o mito da fluência absoluta. **Revista Pátio**, n. 74, ano XIX, mai. – jul., 26-29, 2015.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMAN, S. (orgs). **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

ORLANDI, E.P. **Discurso em análise**. Sujeito, sentido, ideologia. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____. **O que é Linguística**. São Paulo: Brasiliense, 2013a.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2013b.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas (SP): Editora da Unicamp (1990 [1975]).

FUCHS, Catherine; PÊCHEUX, Michel. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução a obra de Michel Pêcheux. 5ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

SCARPA, E.M. Sobre o sujeito fluente. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.29, p.163-184, Jul./Dez., 1995.

SILVA, C. S. **A mudança de posição na formação discursiva em sujeitos com gagueira: uma análise discursiva**. Dissertação de mestrado (mestrado em Ciências da Linguagem). Recife: Universidade Católica de Pernambuco. 2016, 136f.